

## Juventude e televisão: apropriações e representações de uma identidade local

Mariana Ramalho Procópio Xavier<sup>1</sup>  
Marcos Vinicius Meigre e Silva<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo discute a representação da cidade de Cataguases (MG) transmitida pelo telejornal MGTV, da TV Integração de Juiz de Fora. A partir de discussões em grupos focais com estudantes da cidade, nosso objetivo é analisar quais elementos da identidade local são enfatizados pela TV regional e como eles são interpretados pelos estudantes. Fundamentamos nossas discussões teóricas em conceitos como representações sociais, identidades e diferenças e detectamos duas formas diferentes de reconhecimento de Cataguases na TV: de um lado, jovens da escola pública não se sentem representados pelo telejornal; por outro lado, jovens da escola particular se mostram familiarizados com tradições da cultura local difundidas pela elite da cidade.

**Palavras-chave:** Representações sociais; telejornalismo regional; juventude.

### Abstract:

This article discusses the city of Cataguases (MG) and its representation showed by the regional TV news MG TV, broadcast by Integração TV, from Juiz de Fora. Based on focal groups with students, our objective is to analyze which elements from local identity are focused on by regional TV and how they are interpreted by the students. We used theoretical concepts related to social representations, identities and differences and detected two different ways to recognize Cataguases on TV: on one hand, students from public schools don't feel represented by the TV news; on the other hand, young people from private school are familiar with local culture traditions widespread by local elite.

**Keywords:** Social representations; regional TV news; youth.

Artigo recebido em: 14/10/2015

Aceito em: 21/12/2015

1 Doutora e mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela FALE/UFMG. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mariana.procopio@ufv.br.

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: marcosmeigre@hotmail.com.

## Introdução

A televisão se consolidou como um dos principais meios de comunicação e é objeto dos mais variados estudos e críticas. Mesmo em tempos de sobreposição das mídias digitais, que preconizam novas maneiras de se relacionar com conteúdos midiáticos tradicionais, a TV prevalece como um importante ponto referencial para o cotidiano dos indivíduos e norteador de conversas corriqueiras nos mais variados ambientes. Capaz de disseminar representações das mais diferentes naturezas, em atrações ficcionais e não-ficcionais, o meio televisivo estabelece uma estreita relação com o âmbito da audiência. Esta, por sua vez, busca identificar elementos familiares nos conteúdos que lhes são transmitidos, de modo a se reconhecer enquanto peça fundamental do processo de produção televisiva. É assim que se difundem as representações sociais.

A abordagem interdisciplinar dada ao conceito de representações sociais perpassa campos como os da Psicologia e da Sociologia. Nesta última, com base nos postulados de Durkheim e suas representações coletivas, tem-se um espectro no qual a sociedade está arregimentada sob formas estáveis de compreensão dos elementos que lhe cercam, de modo que os significados são construídos e partilhados coletivamente. Já no âmbito da Psicologia – notadamente a Psicologia Social, que será o cerne deste artigo – há um notório interesse em se correlacionar as dimensões sociais e individuais, de modo a tornar clara a ideia de que ambas as instâncias interferem e são elementos cruciais no processo de produção e difusão de representações (FRANÇA, 2004).

Neste trabalho, atemo-nos à vertente da Psicologia Social e discorreremos sobre os conceitos de identidade e diferença. Há ainda uma seção dedicada ao regionalismo na TV brasileira, bem como a apresentação da metodologia usada nesta pesquisa. Por fim, trazemos os resultados obtidos nas discussões em grupos focais com jovens estudantes de Cataguases, no interior de Minas Gerais. O principal objetivo deste artigo é analisar os modos como jovens de uma cidade do interior se apropriam do discurso jornalístico acerca do município onde residem, apontando o que há de convergente e antagônico nas considerações tecidas pelos adolescentes.

## Representações sociais, identidade e diferença

A teoria das representações sociais, no âmbito da Psicologia Social, tem sua base nos postulados de Serge Moscovici. O conceito remete ao que Émile Durkheim denominou de representações coletivas. Entretanto, Moscovici prefere usar o termo “social” em lugar de “coletivo” a fim de “explorar a variação e diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, enfatizando a ideia de produção, de criação co-

letiva de ideias, ligando o fenômeno das representações a processos implicados com diferenças na sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 14). Por esta razão, as representações se reformulam no transcorrer das interações humanas, ocorridas cotidianamente.

Para Moscovici (2011, p. 216), “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo”. Por essas razões, a concepção de representação leva em conta, necessariamente, a dimensão interativa entre os sujeitos e os objetos. É justamente a partir de tal interação que se produzem as chamadas representações sociais. Estão as interações humanas, portanto, diretamente ligadas às representações – sejam interações entre pessoas ou grupos.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da co-operação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2011, p. 41)

É nesse sentido que se devem vislumbrar as representações sociais como resultado de um processo coletivo, de trocas mútuas que, por sua vez, não desconsidera o potencial do sujeito individualizado, mas o percebe enquanto constituinte de uma coletividade. Perante as trocas comunicativas, as representações se moldam, se atualizam, se reconfiguram. Na visão de Moscovici, as representações sociais possuem duas funções:

Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. (...) Em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2011, p. 34-36)

Segundo Moscovici, “(...) a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2011, p. 54). Todo e qualquer elemento considerado familiar gera um quadro de estabilidade e tranquilidade para quem se depara com ele. O que é familiar é dotado de regularidade, com ausência de atribulações e perturbações que atrapalhem a ordem. São espaços de manutenção das tradições, nos quais os objetos e pessoas são percebidos como elementos já conhecidos, previamente mostrados. Com base nesses saberes, as sociedades impõem segregações – caracterizando, de um lado, o que/quem é familiar, e de outro, tudo aquilo marcado pela alteridade, pela diferença.

É a partir dessa demarcação que se pode considerar também a validade e pertinência dos conceitos de identidade e diferença – que estão diretamente imbricados e, na visão de Hall (2000), devem ser visualizados como itens relacionais. As identidades adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos que as representam e dependem da contraposição que se estabelece entre identidades distintas (ou seja, depende da diferenciação entre identidades). Assim, assume-se uma série de características como pertencentes a um dado grupo e o que destoia de tal categorização é classificado como “diferença”. É por isso que podemos coadunar com a afirmação de Woodward (2000, p. 39), de que “As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença.”.

Entretanto, essa condição dicotômica – encontrada nas teorias de Saussure e dos estruturalistas – produz concepções carregadas de valoração, pois sempre realça um determinado aspecto do par opositor em detrimento ao outro. Homem/mulher, dia/noite, cultura/natureza são exemplos de pares imbricados de valores relativos entre si (numa relação permanente de dualidade), em que um deles é visto como o “normal” e o outro é sempre o “desviante”. Contudo, não existe uma fixidez, e sim uma contingência, por isso os significados variam com frequência e são construídos socialmente, de modo que identidade e diferença não são elementos que simplesmente existem em si mesmos, como se fossem questões transcendentais e de caráter metafísico, mas são construídos a partir de uma criação discursiva. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas [...]. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2000, p. 76). Assim, elas fazem parte de uma cadeia de significados, assumidos num contexto específico e submetidas a grupos também específicos.

Como são elementos criados pelos sujeitos a partir de um contexto determinado, identidade e diferença não são produzidas de forma inocente. Elas são impostas e disputadas, pois trazem consigo relações de poder. “Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade” (SILVA, 2000, p. 81). Definir a identidade é demarcar fronteiras, delimitar o que fica dentro e o que fica fora. A partir dessa demarcação, gera-se uma divisão social que indica posições-de-sujeito bem nítidas dentro da sociedade. Nesse sentido, busca-se normalizar a identidade, ou seja, uma identidade é eleita como parâmetro e todas as outras são hierarquizadas a partir da identidade-modelo. Essa condição leva à própria invisibilidade da identidade normatizada, que passa a ser considerada a identidade natural, reconhecida como a verdadeira e normal. Outras identidades acabam suprimidas ou marginalizadas, haja vista sua inadequação ao que é estabelecido como referencial.

Nesse sentido, de muitas maneiras, a televisão corrobora para a perpetuação de um imaginário no qual se pode elencar uma identidade dominante, em detrimento de inúmeras outras concepções identitárias. Ao homogeneizar suas grades de pro-

gramação, as emissoras levam para os lares uma representação dominante e, frequentemente, carregada de estereótipos acerca do que é ser brasileiro, por exemplo. Pensando na dimensão regionalista das TVs, damos prosseguimento a nossas análises, considerando a potencialidade das emissoras regionais e o papel que desempenham na dinâmica midiática de produção, construção e disseminação de identidades locais/regionais.

## O regionalismo na TV: as brechas para se ver na tela

A televisão brasileira deu seus primeiros passos em nível local. Como consequência dessa condição, o telejornalismo se organizava em função de uma geografia limítrofe, atendendo às demandas das localidades abarcadas pelas emissoras. Como nasceram eminentemente locais/regionais, as TVs desenvolveram uma linguagem própria para dialogar com sua audiência circunvizinha. Com as inovações técnicas (a chegada do videoteipe, por exemplo), a produção televisiva pode se ampliar significativamente e ser reproduzida em larga escala, passando a compor redes nacionais que transmitiam para uma região notadamente mais abrangente (PERUZZO, 2005). Porém, não deixaram de existir as emissoras regionais, a seguir cumprindo papel relevante na manutenção dos regionalismos – mesmo em tempos de padronização das grades de programação.

No caso dos telejornais produzidos por emissoras regionais, por exemplo, dentre tantos fatores, as questões econômicas e de mobilidade imperam na hora da produção. Pela facilidade de acesso e deslocamento, frequentemente a cidade-pólo e circunvizinhas acabam privilegiadas na TV, o que interfere diretamente na identidade regional veiculada. Nos telejornalísticos ditos regionais quem, de fato, ocupa espaço expressivo na tela é a própria cidade-sede da emissora interiorana.

*As tevês regionais, por uma série de questões, procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante da sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior (SILVA, 1997, p. 61)*

Diante das limitações das emissoras, o que se configurou foi um quadro de temor quanto ao papel dos canais regionais, em face ao processo de globalização. Com os avanços tecnológicos, parecia natural que eles perdessem espaço, mas vimos uma valorização dos conteúdos regionais e locais em tempos de culturas híbridas e transnacionais. Contudo, “o interesse da grande mídia pelo local, num primeiro momento, apresenta-se mais por seu lado mercadológico do que pela produção de conteúdo regionalizado” (PERUZZO, 2005, p. 68). A TV buscou enxergar no regionalismo uma

forma de publicidade, explorando as peculiaridades de cada área. O resultado desse mecanismo foi a gradativa evolução das formas de produção de conteúdo regional, numa tentativa de não só privilegiar a cidade-pólo, mas cedendo voz a vários municípios também importantes para a área de abrangência da TV.

A busca por mais espaço na grade das TVs regionais é constantemente alvo de críticas e análises, pois é através da programação regional que as emissoras têm condição de fortalecer seus laços com os públicos aos quais se dirigem. Nesse viés, a programação regional das emissoras ainda é um grande empecilho a ser modificado. Isso porque, mesmo diante das determinações legais quanto à obrigatoriedade de programação regional, este espaço ainda é bastante reduzido<sup>3</sup>.

A resposta da Globo para a questão da regionalização limita-se nos anos 80, à introdução de temáticas regionais em suas novelas. No jornalismo, é somente a partir do começo dos anos 90 que surgem os jornais denominados Praça TV: RJ TV, MG TV, SP TV, etc. Mas se, nas outras emissoras, a estratégia da localidade é inserida com rapidez e tranqüilidade – porque nelas não havia um padrão rígido de programação e uma penetração ampla, em escala nacional –, na Globo a coisa é bem diferente. O padrão construído pela emissora – que incluía uma homogeneidade na programação e uma produção voltada para uma grande massa e para o nacional –, cria obstáculos no caminho dessa nova configuração que exige, entre outras coisas, respostas às demandas regionais. (BORELLI; PRIOLLI, 2000: p.88).

Além de conciliar programação nacional com as brechas para uma programação regional, as emissoras do interior ainda precisam seguir padrões ditados pelas cabeças de rede – como é o caso da Rede Integração em Minas Gerais. A reprodução desse padrão técnico-estilístico garante ao público uma identificação com o modelo já difundido pela cabeça de rede, pensando-se em termos de qualidade técnica das produções audiovisuais.

Assim, TVs afiliadas têm papel fundamental no fortalecimento das culturas as quais elas abarcam, pois “[...] é através da TV regional que o público possui a oportunidade de se ver retratado na tela da televisão, tentando talvez obter, de alguma maneira, respostas aos seus anseios ou, simplesmente, sentir-se mais próximo de seus direitos” (BAZI, 2001, p. 87). Dessa maneira, buscar a TV regional como opção de programação é, por conseguinte, uma busca por reconhecimento social e por um espaço que coloque em evidência mazelas locais que, sem o reforço da mídia, não ganhariam proporção significativa e visibilidade.

Diante do cenário no qual se encontram as emissoras regionais, buscamos problematizar a representação de uma cidade interiorana (Cataguases–MG), que não se constitui como sede de emissora regional. Para tal proposta, valemo-nos de grupos focais como percurso metodológico, conforme explicitamos a seguir.

3 Recentemente, por conta das comemorações de seus 50 anos, a Rede Globo ampliou o tempo dedicado a programas regionais. A ampliação, segundo a emissora, foi de quase duas horas a mais por semana. Mais informações em <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/tv-globo-anuncia-mudancas-na-grade-amplia-horario-de-programacao-regional-15875568>

## O grupo focal como percurso metodológico

O grupo focal é uma metodologia empregada com o objetivo de se apreender as percepções de um conjunto de indivíduos sobre determinado tema, não importando opiniões isoladas e sim o resultado da interação durante o ambiente de realização do grupo. Discussão em grupo focal “é uma técnica que recolhe dados da vida real em um contexto social” (THORNTON, 2005, p 21). Constitui-se como uma maneira de se obter informações a partir de conversas guiadas entre membros de um determinado conjunto. Em nosso trabalho, por estarmos voltados ao público juvenil, a possibilidade de captar as interações ocorridas em ambientes coletivos se mostrou metodologicamente viável para os propósitos de nossa pesquisa.

Trabalhamos com 27 alunos do 2º ano do ensino médio de duas escolas de Cataguases – MG: uma da rede pública de região periférica (Escola Estadual Professor Clóvis Salgado) e outra particular localizada no centro da cidade (Colégio Soberano). As escolas foram selecionadas em função dos antagonismos sócio-geográficos que as caracterizam: uma instituição privada localizada no centro da cidade; e outra pública, de bairro periférico. Assim, a partir de uma clara dicotomia em termos econômicos e espaciais, poderíamos identificar se as apropriações dos jovens são mediadas por tais interferências de suas realidades cotidianas.

Organizamos os grupos com o apoio das direções, coordenações e professores das escolas, que selecionaram 15 alunos (em cada escola) para participar da atividade. Na escola pública, dentre as duas turmas de 2º ano do ensino médio, os professores indicaram os 15 alunos com as melhores notas e desempenho dentro de sala. Porém, no dia da realização da atividade, quatro estudantes faltaram e o grupo foi conduzido com os outros 11 alunos pré-selecionados. Já na escola particular, havia apenas uma única turma desta série escolar com um total de 16 alunos e, como todos se mostraram dispostos e interessados em participar, mantivemos o grupo com este número.

As discussões foram realizadas em dias alternados e no ambiente das próprias escolas. Buscamos iniciar o contato com os jovens a partir de uma conversa informal. Numa conversa aberta, na qual expressavam livremente suas opiniões sobre TV e telejornais, buscávamos nos atentar para o interesse dos jovens pelas mídias, telejornais e pelo telejornalismo regional em específico. A partir daí, seguimos para a estrutura prévia que elaboramos para a condução dos grupos: exibíamos uma reportagem e, na sequência a ela, discutíamos a representação da cidade difundida pelo MGTV<sup>4</sup>.

Os participantes não foram identificados por seus respectivos nomes. Cada um teve seu nome relacionado a uma letra e número (letra C, para Escola Estadual Pro-

4 As três reportagens coletadas foram exibidas entre junho e julho de 2013, tendo como foco central a cidade de Cataguases, e são elas: “PM registra queda no número de furtos à residência em Cataguases”, “Movimento cobra preservação do Cine Edgard em Cataguases, MG”, e “Filme de animação feito em Cataguases utiliza a técnica do *stop motion*”.

fessor Clóvis Salgado; e S para Colégio Soberano, seguidos, respectivamente, de um número, conforme a ordem alfabética dos alunos convidados a participar).

## Dois locais dentro de um local: a visão dos jovens sobre a cidade na TV

De modo geral, segundo a visão dos estudantes consultados, a representação que se constrói de Cataguases no telejornalismo regional remete a uma cidade com demasiados problemas de ordem social, econômica, política e de infraestrutura. É possível, entretanto, notar distinções entre os grupos: enquanto na rede pública os estudantes são mais taxativos ao depreciar a cidade e sua imagem em tela, na rede particular os alunos são mais ponderados, raramente qualificando de modo pejorativo a cidade. Contudo, para ambos os grupos, a cidade somente adquire espaço na mídia quando se vê atingida por catástrofes de grande proporção:

C10: Vai falar de Cataguases no jornal, você já espera o pior.

C9: Ou é acidente, ou é catástrofe. Igual teve a enchente.

C5: Enchente, aí Cataguases aparece na televisão.

C4: Ou é trabalho da prefeitura.

C5: Nossa, Cataguases apareceu na televisão (em tom de espanto e surpresa)! Mas apareceu por uma tragédia, não apareceu por uma coisa boa. O povo teria que se orgulhar se fosse aparecer por uma coisa boa.

S7: Na verdade, é isso aí né. Custa a passar reportagem de Cataguases, e quando passa, é pra mostrar as coisas que estão estragadas.

S2: É bom mostrar pro pessoal tomar uma atitude.

S8: Igual ele falou: é pra alertar mesmo e mostrar a situação que tá o cinema, o que aconteceu pra ele ser fechado, ser interditado.

A afirmação de C5, no trecho anterior, torna nítido o anseio dos jovens em ver a cidade sendo bem apresentada, ressaltando elementos benéficos de Cataguases, e não apenas as intempéries enfrentadas constantemente. Porém, os jovens só são capazes de apontar indícios negativos sobre a imagem da cidade porque já ouviram ou viram, em momentos anteriores, essas imagens sendo transmitidas a eles. Ou seja, tais qualificações se coadunam com representações socialmente difundidas e compartilhadas pela população local, já que as representações “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano (MOSCOVICI, 1978, p. 41)”. Há, portanto, uma memória discursiva em relação aos aspectos pejorativos conhecidos pelos jovens da cidade. Nesse sentido, existe uma identidade cataguasense atrelada ao conceito de catástrofes naturais, compartilhada por grande parcela dos moradores da cidade. Com relação às enchentes, citadas pelos alunos, tal saber não se configura apenas como uma representação difundida por outras gerações, mas diz respeito a situações da história local vivida



por esses jovens, que presenciaram tais acontecimentos recentes, ocorridos num curto intervalo de tempo (visto que, dentre as três maiores enchentes da cidade, duas delas aconteceram em 2008 e 2012. A outra grande cheia ocorreu em 1979).

Apesar da imagem focada em elementos pejorativos, ainda assim a população se orgulha ao ver a cidade surgindo na TV – segundo afirma C5. Tal condição nos leva a crer que a população busca se ver representada na emissora regional, mesmo quando o assunto não remeta a questões claramente favoráveis à imagem local. É o que Bazi (2001) diz sobre o interesse eminente da população em se enxergar nas TVs regionais, apesar delas não dedicarem tempo significativo para a maior parte das cidades de uma determinada área geográfica.

Nessa lógica, ao pontuarem aspectos relativos a Cataguases, os jovens alicerçam suas afirmativas em adjetivações de caráter negativo, valendo-se de palavras como “pior”, “tragédias”, “acidente”, “catástrofe”, “estragadas” e “enchente”, por exemplo, que confirmam uma representação desfavorável à cidade. Desse grupo de palavras pejorativas, apenas “estragadas” foi citada pelos jovens da rede particular, enquanto as outras foram proferidas pelos jovens da rede pública em suas afirmações, o que se configura como um sinalizador para a discrepância entre os grupos.

Já para os estudantes da rede particular, ao evidenciar as mazelas que a cidade possui, a TV regional seria responsável por contribuir com a fiscalização da ordem – o jornalismo como fiscal do poder público – e o despertar para a necessidade de obras e reparos em monumentos locais (no caso, a necessidade de se restaurar o cinema local, como citado por S8). Assim, mesmo não dedicando parcela significativa de tempo para a cidade, o jovem da rede particular (S8) identifica na TV Integração um modelo de emissora que cumpre uma função social: a de alertar a população quanto aos problemas de ordem pública para que possam ser solucionados. Para os alunos da rede pública, a TV estaria apenas interessada em transmitir as mazelas características da cidade. Em outra vertente, analisando o papel cultural da cidade e a importância que o cinema tem para a história local, os jovens da rede particular demonstram indignação com a situação do único cinema do município<sup>5</sup>, mostrado em uma das reportagens:

S1: Igual o S8 falou, [a reportagem] mostra o patrimônio público, mas mostra o descaso com ele. É [uma imagem] positiva e negativa [da cidade].

[...]

S10: Na verdade, [uma imagem] negativa. Desvalorizar um patrimônio é como você jogar aquilo que você acredita no lixo. Você batalhou por um lixo.

[...]

S5: Ah, positiva por mostrar o lado cultural da cidade, mostrando as características; e negativa pelo descaso que tem com o patrimônio da cidade.

S4: Eu acho que, exatamente por mostrar o lado cultural, fica pior ainda. Porque aí, mesmo sabendo a importância que tem, ainda tá daquele jeito.

<sup>5</sup> Atualmente a cidade conta com duas salas de cinema, funcionando em área comercial recentemente criada na região central do município. O antigo cinema, por sua vez, segue fechado, sem reformas.

O excerto anterior deixa clara a indignação dos estudantes da rede privada com a atual situação do cinema. Demonstram revolta ao ver a maneira com que um bem cultural é tratado. Essa sensação de revolta se consolida entre os jovens porque nutrem o desejo de não deixar uma representação tão fortemente característica da cidade ser deteriorada com o tempo<sup>6</sup>. Como conhecem o passado cinematográfico local, sentem-se afetados quando não há movimentação por parte das autoridades públicas no intuito de conservar e reparar os problemas do prédio e, conseqüentemente, manter viva a imagem gloriosa do cinema. Assim, sentem-se como se estivessem perdendo um pouco da tradição com a qual coadunam – a tradição historicamente construída, ligada ao auge da produção cinematográfica de Cataguases.

Também na escola pública, enquanto a reportagem era exibida no grupo focal, os jovens esboçaram reações de revolta com a condição do Cine Edgard (nome do cinema de Cataguases). Ao ouvirem a jornalista afirmar que a cidade possui apenas um cinema, alguns jovens lançaram frases exclamativas, como “C5: Que absurdo!” e “C9: Que vergonha!”, corroborando com o sentimento de indignação, também expresso pelos alunos do grupo focal da rede privada de ensino. Entretanto, boa parte dos alunos da rede pública alegou desconhecer detalhes sobre a história do cinema local, principalmente a relação de Humberto Mauro com a evolução cinematográfica cataguasense. Quando perguntados se conheciam o famoso cineasta, diversos alunos deram respostas como “Não conheço.” e “Muito por alto né.”. Apenas um aluno afirmou conhecer brevemente a história de Mauro, porém sem se ater a detalhes sobre a vida e obra do cineasta (“C9: Ele foi um dos maiores cineastas brasileiros, esses troços assim.”). Essa postura se mostrou contrária ao que se viu entre os alunos da rede privada, que já detinham informações sobre a história cultural da cidade. Desse modo, a indignação que encontra lugar entre os alunos da rede pública está diretamente vinculada à quantidade de salas de cinema disponíveis na cidade (pois se espantaram com o fato da jornalista afirmar que a cidade só possui um cinema), e não uma revolta por conta do descaso com um bem público, símbolo da história local – já que desconhecem fatos marcantes desta história.

Ao assumirem desconhecimento sobre fatos da história cataguasense, os alunos da escola pública comprovam que não estão inseridos num ciclo que perpetua pela cidade a representação de uma Cataguases atrelada ao cinema. Apesar do interesse das elites locais em manter viva a representação de uma cidade culturalmente forte, uma parcela significativa não tem acesso a tais informações. É interessante notar também que, mesmo divulgada nas mídias (como na TV, que auxilia nesse processo de manutenção das tradições de um determinado lugar), a história local não pode ser apreendida por todos da cidade, uma vez que muitos não possuem os conhecimentos prévios necessários, ou seja, a familiarização com o assunto (MOSCOVICI, 2011), para se reconhecerem no material divulgado.

<sup>6</sup> A história do cinema cataguasense está atrelada à própria história do cinema nacional. Para mais informações, consultar SALLES GOMES, Paulo Emílio. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

Ainda com relação ao conhecimento da história local, percebemos outro item de discrepância entre os jovens consultados: o projeto *Fábrica do Futuro* (ligado à produção de curtas na cidade), citado em uma das reportagens do MGTV, é amplamente conhecido pelos alunos da rede privada, ao contrário dos estudantes da rede pública, que desconheciam totalmente tal iniciativa cultural. Assim sendo, a reportagem exibiu para os alunos da rede pública a representação de uma Cataguases não condizente com a Cataguases que eles conhecem – a Cataguases que lhes é familiar (MOSCOVICI, 2011). A fala de C4 é a que melhor exemplifica essa relação entre a realidade de tais jovens e o projeto do qual eles não tinham informações: “C4: [a reportagem apresenta] uma realidade que eu não conhecia. Se alguém me falasse disso, eu falaria que era mentira. Não falaria que era mentira, falaria que eu desconheço totalmente”. Dessa forma, a matéria levou a eles uma série de dados de caráter não-familiar (MOSCOVICI, 2011), até então desconhecidos, que lhes causaram estranheza e surpresa.

Apesar de não conhecerem o projeto, a *Fábrica do Futuro* é apresentada como um fator extremamente favorável à imagem da cidade, na opinião dos alunos da rede pública. Ao ver a matéria, C2 faz a seguinte afirmação: “Coisa ruim todo mundo sabe né, mas coisa boa ninguém conhece”. Com essa afirmativa, C2 esclarece que a representação de Cataguases que prevalece entre os membros do grupo é a de um lugar com inúmeros problemas sociais, enquanto os elementos positivos são apagados e pouco difundidos (ou ainda, difundidos, mas de modo seletivo, não chegando a atingir a totalidade dos bairros e classes sociais presentes na cidade). Os jovens da rede pública se mostraram entusiasmados com a novidade (“C4: Todo mundo gostaria de contar uma novidade dessas de Cataguases, com certeza.”), apesar de não se verem representados no conteúdo exibido. A surpresa com o projeto os fez refletir sobre os aspectos benéficos encontrados na cidade. Apesar disso, foram capazes de pontuar elementos que indicam o teor não apenas positivo da reportagem, visto que o projeto abarca jovens estrangeiros para uma espécie de estágio e não pareceu dar espaço aos jovens locais:

C4: Se for ver bem assim mesmo, não é bem negativo, mas em vez do carinho lá da África ter vindo, poderia ter sido um habitante da cidade. Eu não vi habitantes da cidade no projeto.

C3: Mas você tem interesse nisso?

C4: Eu, por exemplo, teria, se eu soubesse do projeto.

C10: Pra mim é negativo porque não tem gente da cidade.

C5: Se o projeto fosse mais divulgado, talvez fosse mais habitantes daqui trabalhando nele do que gente de fora vindo pra cá. Pode ver, ninguém sabe desse projeto.

C9: É. Quase ninguém sabia.

A partir de tais ponderações, nota-se que nem todos têm acesso a informações

sobre a cultura local. Instituições e organizações financeiras da cidade (incluindo a própria *Fábrica do Futuro*, que está vinculada a grupos de poder dentro de Cataguases) buscam reforçar a imagem de uma cidade arregimentada pelo cinema e literatura, por exemplo, valendo-se das mídias locais e regionais para manter essa representação construída ao longo do tempo. Apesar de tais iniciativas, não há correspondência por parte de uma parcela da população, que não se vê familiarizada com a Cataguases exposta na mídia. Grupos periféricos vivenciam uma realidade oposta a dos grupos centrais. O que se nota é a oposição clara entre a representação de uma cidade de tradição cultural, mas que não encontra acolhida em diversos segmentos de sua própria sociedade (como se destaca na fala dos jovens, por não se verem incluídos nos projetos de cinema local). Pode-se dizer que, tal como afirma Woodward (2000), há uma criação discursiva dos conceitos de identidade e diferença dentre os moradores da cidade: os alunos da escola particular coadunam com a representação dominante (a identidade socialmente estabelecida e difundida), enquanto os da escola pública não detêm saberes específicos sobre tal representação e, por isso, são marcados como diferentes e, conseqüentemente, marginalizados no processo de manutenção das tradições locais.

## Considerações finais

A partir do que foi discutido, salientamos que o telejornal apresenta uma mesma cidade aos dois grupos de jovens, mas a representação que cada grupo tem de Cataguases difere por motivos que, possivelmente, vão das questões econômicas (escola pública x escola particular) até as geográficas (centro x periferia). Assim, não podemos afirmar que a identidade cataguasense é a mesma para qualquer jovem nascido ou residente no local. Na rede privada de ensino, os alunos foram, em certa medida, mais entusiastas e se mostraram defensores das tradicionais representações que se tem da cidade – como mostra a fala de S8: “No geral, [Cataguases é] uma cidade criativa. Muitas ideias, muitas coisas novas. Um espaço cultural”. O estudante S13 destaca que “Cataguases é uma cidade que tem muita história”. Em outro momento, um dos jovens (S8) enfatiza o passado glorioso da cidade e, por isso, o que o telejornal regional faz é ressaltar “ainda mais o celeiro cultural que Cataguases é. Influência aqui na região.” Com estas falas, pode-se perceber a relevância que o passado da cidade tem para a construção de uma representação sustentada nas diretrizes culturais socialmente difundidas e como elas são bem acolhidas pelo grupo da escola particular.

Todas essas qualificações só puderam ser feitas pelos jovens porque eles compartilham de uma série de informações e saberes relativos ao passado e à história da cidade (algo não notado entre os estudantes da escola pública). É como se existisse uma “Cataguases midiática”, reconhecida por aqueles inseridos no círculo da cultura local, mas que é visivelmente ignorada por grupos periféricos. Por essas razões, há

claramente dicotomias socioeconômicas e culturais entre os grupos da cidade e foi graças à TV regional que pudemos visualizar uma problemática de cunho coletivo tão relevante e que demanda políticas sociais urgentes e imediatas para inclusão igualitária de segmentos da sociedade que permanecem marginalizados dentro da própria cidade.

## Referências

- BAZI, R. E. R. **TV regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.
- BORELLI, S. H. S; PRIOLLI, G. (coords). **A deusa ferida: porque a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência**. São Paulo: Summus, 2000.
- FRANÇA, V. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R. C.; FIGUEIREDO, V. L. F. (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p.13-26.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 8. ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: Aspectos conceituais e tendências. In: **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2005, nº43, p. 67-74.
- SILVA, R. B. da. Análise comparativa entre duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista. In: MATTOS, S. (org.). **A televisão e as políticas regionais de comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 1997.
- THORNTON, R. **Grupos de discussão**. Grupos focais. Metodologia. Trad. Luciane D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2005.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.